

A NOTÍCIA DO CRIME E O MEDO NA CIDADE THE NEWS OF THE CRIME AND FEAR IN THE CITY

Antônio Paulo Soares Lopes da Silveira¹

Resumo: Este artigo analisa como o medo, no caso associado à criminalidade, pode afetar as relações sociais, principalmente em um ambiente urbanizado como nas cidades e grandes metrópoles. Essa reflexão busca entender como a midiáticação do crime pode influenciar o aumento da sensação de insegurança, proporcionando a consolidação de uma demanda punitiva, bem como propiciando o surgimento de discursos que encontram a resposta no recrudescimento das leis penais e no punitivismo.

Palavras-chave: medo; notícia, demanda punitiva; mídia.

Abstract: This article analyzes how fear, in the case associated with crime, can affect social relations, especially in an urbanized environment as in cities and large metropolises. This reflection seeks to understand how the mediatization of crime can influence the increase of the sense of insecurity, providing the consolidation of a punitive demand, as well as fostering the emergence of discourses that find the answer in the recrudescence of criminal laws and in punitivism.

Key-words: fear; news; punitive demand; media;

Sumário: Introdução. 1. O medo não é novo, é inerente ao homem e a sociedade. 2. O crime como objeto do medo e a cidade como *locus*. 3. A mídia e a notícia do crime. 4. Conclusão. Referencial Teórico.

Introdução.

Não é novidade que os centros urbanos estão no epicentro das taxas e índices de criminalidade. Em geral, as cidades estão pululadas dos mais variados problemas sociais, sendo que a questão da criminalidade é apenas um dos recortes de toda essa efervescência que merece e deve ser estudada por todas as mais variadas disciplinas.

O estudo tem a pretensão de refletir como a notícia da criminalidade pode causar reflexos aos habitantes que residem nessas metrópoles, ainda mais quando existe uma inegável metamorfose nos meios de comunicação, os quais evoluíram ao ponto da instantaneidade das informações.

A academia e a própria vivência cotidiana demonstram a ocorrência de uma ampla modificação da estrutura física dessas metrópoles e das relações sociais de seus habitantes a partir da questão da criminalidade, o que torna extremamente importante o exame sobre os reflexos e o possível papel da notícia do crime em todo esse processo.

¹ Advogado Criminal, Especialista e Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: antonio_soares_lopes@hotmail.com.

A convivência social e as mais variadas pesquisas indicam que a notícia do crime tem o condão de expandir a sensação de insegurança e de medo da criminalidade, coadunando àquilo que os autores definem como cultura do medo, que afeta a sociabilidade e o próprio entendimento das medidas a serem tomadas quanto a questão da criminalidade. Todas essas transformações proporcionam uma exacerbação de discursos que demandam punição e Estado Policial como solução para o crime, o que pode ser verificado nos projetos legislativos, na atuação do judiciário, e, principalmente, no discurso do senso comum.

A deformação do pensamento democrático é facilmente perceptível, pois as soluções dos poderes que compõem o Estado cada vez mais adentram no perigoso caminho do discurso punitivista, olvidando a procura por outras soluções que não a via criminalizadora, inclusive formulando ideias autoritárias que levam simplesmente a restrição da própria liberdade.

Uma análise crítica e interdisciplinar de todo esse processo que pode ser experimentado empiricamente é essencial para que se formulem hipóteses e ideias de como lidar com estes problemas da notícia criminal no atual momento de transformação da sociedade, isso através de uma leitura de autores das mais variadas bases teóricas.

1. O medo não é novo, é inerente ao homem e a sociedade.

O medo é um sentimento natural, inerente ao homem e aos seres que compõem todo nosso ecossistema. É um sinal de alerta sobre possíveis riscos que está ocorrendo ou que poderá vir a ocorrer (MIRA y LOPEZ, 2005, p. 9).

É uma emoção ambígua. Atua como uma garantia essencial contra os perigos e surpresas ameaçadoras, um reflexo indispensável, o qual oportuniza ao organismo se mobilizar e escapar, mesmo que provisoriamente, da morte (DELUMEAU, 2006, p. 12).

Francis Wolff lembra que “é possível que não exista um homem sequer que não tenha sentido esse medo, qualquer que seja sua nacionalidade, sua classe social, seu sexo, sua idade” (2007, p. 17).

Assim, independente de qual seja seu status social ou a sociedade que faz parte, ou que não faça parte de nenhuma sociedade, o home sempre sentirá fobia da incerteza dos

riscos, ou seja, medo. Zygmunt Bauman esclarece que o medo “é o nome que damos a incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la para ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.” (2008, p. 08).

O medo, por sua característica, acaba sendo também um elemento socializador, pois desde o início da vida o homem aprende sobre quando temer, o que temer, quem temer, como temer... (*Ibidem*. p. 09). Assim, o medo é um elemento que também constrói o imaginário social.

O ser humano é o único animal capaz de antecipar a sua morte, sabendo desde cedo que morrerá, tendo consciência de sua finitude e de sua existência passageira. Assim, é “o único no mundo a conhecer o medo num grau tão temível e duradouro” (DELUMEAU, 2009, p. 23).

Existe uma distinção entre o medo dos animais e dos homens. Em relação aos primeiros, é único, idêntico a si mesmo e imutável: o medo de ser devorado. Ao humano, é fruto de nossa imaginação “não é uno mas múltiplo, não é fixo mas perpetuamente cambiante” (*Ibidem*).

O medo fundamental é o medo da morte. Todas as compreensões sobre este sentimento contêm alguma inferência sobre esse sentido, por isso o medo não desaparecerá da condição humana no tempo (DELUMEAU, 2002, p. 11).

Esse medo da morte representa a fonte de todos os medos, uma vez que se configura como o extremo máximo do risco, pois é o mais próximo do fim ou término da vida que podemos chegar a imaginar.

Todas as culturas humanas podem ser codificadas como mecanismos engenhosos, calculados para tornar possível e suportável a vida com a consciência da morte. O convívio com o medo vai pautar a sociedade, estando ligado ao presente e ao futuro das pessoas (CYRO, 2011, p. 26).

Portanto, atrás de toda a construção da cultura das civilizações pode ser observada a ideia de morte, a qual aparece na expressão técnica, artística ou religiosa. Assim, o homem é o animal mortal que deixa de ser animal quando se lembra de que é mortal (WOLFF, 2007, p. 19).

Ao longo da história a proteção que se tem à disposição e as vantagens que se desfruta não estão totalmente à altura das expectativas. Existe uma tendência do homem a imaginar maquinações hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra na porta, embaixo da cama, no breu da noite. Sempre a procura de um culpado, de um crime, ou de uma intenção criminosa por toda parte (BAUMAN, 2009, p. 15).

Diante desse processo, a sensação de temor constante afeta todo o organismo, ocasionando uma reação de legítima defesa, que o indivíduo nem sempre utiliza de maneira correta, a qual pode-se definir como “ira” (GAUER, 2012, p. 93-94). Esses temores, quando afetam coletivos podem se transformar em pânicos e pandemias generalizadas.

Portanto, imperioso concluir que, mesmo que haja (ou não) em nosso tempo maior sensibilidade ao medo, este inexoravelmente é um componente da experiência humana, mesmo diante de todos os esforços para o superar (DELUMEAU, 2009, p. 23). Relevante é a conclusão de que em nenhum momento da história tantas pessoas tiveram tanto medo (GLASSNER, 2003, p. 11).

Os grupos sociais constroem a partir de sua cultura compreensões e significações sobre o sentido do medo, preenchendo essas lacunas de sentido em diferentes tempo e espaço. A construção de um significado fica atrelada a um fator de vivência cultural, os medos que antes se assentavam nas sociedades não são idênticos aos que predominam hoje, principalmente, no ambiente urbano.

Inarredável também, que o objeto *fóbigeno* sucede independentemente do período histórico ou dos meios tecnológicos que os seres humanos constituíram para a proteção ou prevenção dos possíveis perigos e das prováveis inseguranças existentes (GAUER, 2012, p. 94). Deve-se partir da constatação que o medo não é estanque, devendo ser preenchido de sentido por aquelas experiências temporais das sociedades.

Assim, essa vivência social transmite a necessidade de buscar segurança (contra a possível ameaça), o que transpassa todas as sociedades e os indivíduos “pois não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo” (DELUMEAU, 2009, p. 12).

Se no passado, como observa Jean Delumeau, o medo advinha da natureza e do sobrenatural, nos dias de hoje o principal perigo para as pessoas vem do próprio homem.

O autor realiza uma grande reflexão a propósito disso, uma vez que tenta verificar se entramos em uma nova era de medo e se nesse momento temos medo acima de qualquer coisa (*Ibidem*).

E tal problematização não poderia ser mais acertada, haja vista que hoje existe um processo de modificações profundas de todas as áreas da atividade humana, e, apesar dessas modificações, impossível não observar que os medos continuam existindo de duas formas: os velhos medos teológicos e metafísicos e os pequenos medos, aqueles observados no cotidiano e no dia a dia.

A reflexão sobre o medo é importantíssima, pois quando uma certa sociedade vive com medo, tanto real como imaginado, poderá opor-se violentamente ou paralisar a tomada de medidas para encontrar uma solução aos problemas existentes. Essas condições poderão ser observadas em epidemias coletivas de medo, aparecendo principalmente em contextos adversos como guerras, revoluções, doenças epidêmicas, crises econômicas, violência urbana, dentre outras diversas manifestações de instabilidade coletiva (GAUER, 2012, p. 108-109).

Assim, esse medo, que perpassa o intelecto e manifesta de forma exterior no organismo, causa reações que não possuem um alicerce na razão, mas em uma emoção que não se explica.

Mais que outro afeto, a partir do medo, o homem fica exposto à imagem de sua impotência; essa impotência, confluída com uma ignorância, principalmente coletiva, poderá vir a ser o estopim da tomada de decisões não muito democráticas ou humanitárias em relação à demanda por segurança (*Ibidem*).

Assim, esse medo causa uma sensação de incerteza que se multiplica pela metrópole, construindo uma sociabilidade no qual as relações se entrelaçam pelo individualismo, pelo medo do outrem.

Importante constatar a premissa de que o objeto e o vetor do medo – a construção social de medo em nosso tempo – está intrinsecamente relacionada com a questão da violência do crime (diferentemente de uma sociedade eivada pelo temor do sobrenatural ou da ira Deus e do inferno), a qual Ruth Gauer alude ser “Violência um elemento estrutural, intrínseco ao fato social e não ao resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de extinção” (2004, p. 13).

Ao analisar o passado, a constatação é de que a necessidade de segurança se reforçou na modernidade, ou para alguns pós-modernidade. Nossos antepassados eram mais resignados que nós diante das desgraças e dos riscos que lhes acometiam e rodeavam permanentemente. Como afirma Jean Delumeau “*Hoy al contrario, se afirma en nuestras ciudades, en todos los campos, un reclamo inmenso de seguridad*” (DELUMEAU, 2002, p. 20), que frequentemente acaba sendo apenas e tão somente barbarie.

2. O crime como objeto do medo e a cidade como *locus*.

O estudo realizado sobre concepção do medo foi necessário para considerarmos como se constrói os seus reflexos na coletividade. Essencial foi a constatação de que existem medos coletivos, que esses medos coletivos se constroem a partir de vivências coletivas e culturais, e que muitas vezes esses medos são impulsionados por um imaginário social, o qual por mais das vezes vai pautar a reação da sociedade quanto ao objeto fóbigeno para suprir a qualquer custo a necessidade por segurança, ou seja, extinguir as causas do medo.

Importante consideramos que o *locus* do medo, nos dias atuais, pode ser visto com mais frequência e gravidade nos centros urbanos, os quais fazem parte dos maiores índices de criminalidade.

O autor Fernando Chueca Goitia caracteriza as cidades como uma organização funcional que se cristaliza em estruturas materiais. Estas estruturas que se materializam, coligadas a outros elementos, concretizam uma espécie de “alma” da cidade, isto é, desperta-se a espiritualidade geral da cultura de seus componentes, tornando-se um corpo indivisível (2006, p. 15-17).

A partir disso, as várias casas (ou construções), cada qual com sua história, convertem-se em um todo conjugado, vivendo e crescendo, adquirindo um rosto peculiar, uma forma e uma história internas. A imagem do conjunto urbano, com todos os seus componentes, além das casas, constitui o objeto de um idioma de formas e de uma história estilística que acompanha no seu curso todo o ciclo vital de uma cultura (*Ibidem*).

Assim, mais do que simples construções, os centros urbanos são a representação de uma cultura coletiva de convivência social, que criam certos arquétipos de convívio, interação e coexistência. Conseqüentemente, suas formas são a expressão máxima da cultura local consolidada, representando os sentimentos e emoções daqueles cidadãos que criam seu estilo de vida, individuais e coletivos ao mesmo tempo.

O medo, com sua face mais invasiva, propicia que as metrópoles entrem em crise. A cultura local dos cidadãos urbanos passa a ser a do medo diante da sensação de insegurança derivada da criminalidade.

Originam-se cidades de muros, medos, fragmentadas e hostis. A vida social urbana das cidades contemporâneas está totalmente comprometida, tornando-se um lugar de passagem, de velocidade, de conexão entre fragmentos internamente homogêneos, controlados e excludentes (FILGUEIRAS, 2008, p. 177).

Exemplo disso é a proliferação massificada de condomínios fechados. Esse fenômeno contribuiu para o incremento da tensão social já existente, aumentando o mal-estar e desconfiança que se construiu na sociedade, o que foi inspiração para o tema do filme “Zona do Crime”, do diretor Rodrigo Plá².

Assim, o mero andar pelas ruas, cria a sensação de risco, insegurança e inquietação – medo, gerando distanciamento e indiferença, marcada pelo mundo da diferença a sua volta (YOUNG, 2002, p. 253).

O medo do outro enclausura os indivíduos, ocasionando uma quebra na possibilidade relacional das pessoas, aumentando o sentimento de solidão, o que traz a sensação nostálgica de que antigamente tudo era melhor, de que os vizinhos se comunicavam entre si de maneira cordial, diferente do estranhamento e agressividade dos tempos atuais (KOURY, 2011, p. 476).

Esse processo ocasiona também a banalização do crime, tornando-se algo comum e aceitável; as mortes violentas e chacinas mesmo provocando indignação, são facilmente aceitas e toleradas, e, em certos casos, dependendo de quem foi a vítima, são até mesmo desejáveis, como forma de diminuir as ameaças pessoais que poderiam acontecer (*Ibidem*).

² LA Zona. Direção: Rodrigo Plá; Produção: Alvaro Longoria. México: Dreamland, 2007. 1 DVD (97 min.).

Inarredável fugir das conclusões da pesquisadora Teresa Caldeira, a qual entende que a vida nas grandes cidades está se modificando a partir da criminalidade e da violência existente, apontando que “o crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada” (CALDEIRA, 2000, p. 27).

A autora situa a ideia de que existe uma fala do crime e que esta fala é contagiante, a qual surge nas mais diversas interações sociais, nas quais a mesma história se repete de forma incansável. Observa que a repetição destas histórias só serve para reforçar a sensação de perigo, insegurança e perturbação das pessoas (CALDEIRA, 2000, p. 27).

Explica que o medo e a fala do crime não produzem apenas certas interpretações ou explicações, as quais são geralmente simplistas e estereotipadas, mas que influenciam na modificação de toda a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novos sentidos (*Ibidem*).

Deste modo, reflete que a fala do crime e o medo se disseminam em um processo que organiza as estratégias cotidianas de reação e proteção que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seus universos de interação. E, além disso, a fala do crime auxilia a proliferação da violência, ao legitimar reações contra o crime, em um contexto de falência na atuação das intuições legítimas (*Ibidem*).

Sustenta, ainda, que o medo é criado e recriado pelas próprias pessoas, as quais contam e repetem suas histórias de violência através de comentários, conversas, brincadeiras e piadas. Aponta que a fala do crime possui um papel importante em reorganizar a ordem e o significado rompidos pela experiência do crime (*Ibidem*, p. 33).

Teresa Caldeira esclarece que o medo é um dos grandes obstáculos à democratização, pois reforça o autoritarismo, por meio da “fala do crime”, o que acaba por ensejar o medo do outro, estimulando diversas práticas sociais de exclusão e preconceito (*Ibidem*, p. 45).

Como afirma Luzia Fátima Baierl, a partir disso acabamos por ampliar o medo e a sensação de insegurança existente na coletividade. “Trata-se de uma fala fragmentada, que amplia o medo e não potencializa formas de solucionar a violência” (2004, p. 61-62).

Os reflexos do medo coletivo, ao menos no contexto brasileiro, proporcionaram a conformação de diagnósticos, os quais demonstram a modificação da estética urbana, o

convívio entre as pessoas e os próprios costumes e cultura urbana, principalmente as demandas de soluções para eliminar o objeto fobígeno.

A partir de uma análise dos reflexos desse processo na sociedade, os pesquisadores constataram que o medo do crime vai constituir aquilo que pode ser definido como cultura do medo, encontrando um campo fértil na “sociedade que nunca teve tanto medo como hoje”.

Como afirma Débora Pastana, “A cultura do medo é, portanto, retrato desta forma hegemônica de pensar sobre a criminalidade e a segurança pública atuais” (PASTANA, 2003, p. 94), refletir essas questões a partir desse medo coletivo. Explica que, a cultura do medo reflete a crença de que vivenciamos um tempo particularmente perigoso devido ao aumento dos índices de criminalidade violenta e a legitimação de práticas autoritárias que, de acordo com o pensamento político coletivo, são capazes de resolver este problema, ou seja, eliminar o objeto *fobígeno* (*Ibidem*, p. 95).

Assim, define a cultura do medo como a “somatória dos valores, comportamentos e do senso comum que, associados à questão da criminalidade, reproduz a idéia hegemônica de insegurança e, com isso, perpetua uma forma de dominação marcada pelo autoritarismo e pela rejeição aos princípios democráticos.” (PASTANA, 2005, p. 183).

Luzia Fátima Baiarl conceitua esse processo como “medo social”, o qual trata-se de:

um medo construído socialmente, com o fim último de submeter pessoas e coletividades inteiras a interesses próprios e dos grupos, e tem sua gênese na própria dinâmica da sociedade. Produzido e construído em determinados contextos sociais e individuais, por determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados objetivos de subjugar, dominar e controlar o outro, e grupos, através da intimidação e coerção. Esse medo leva coletividades, territorializadas em certos espaços, a temer tal ameaça advinda desses grupos. (2004, p. 48).

Assim, o problema social não é o crime, tornando-se secundário diante do medo generalizado e exacerbado associado à criminalidade, situação que coaduna e proporciona o surgimento de uma cultura do medo.

A cultura do medo se transforma em indústria, como se observa dos dados colhidos pelo PNDU, no ano de 2007 os gastos com segurança privada no Brasil somaram em torno de R\$ 90 bilhões, o que equivaleria a 10 % do PIB do país (KOURY, 2011, p. 472).

A partir destes dados, percebe-se que esta indústria do medo compromete outros setores da sociedade, e, conseqüentemente, os setores pobres da sociedade, bem como setores que necessitam de especial atenção como saúde e educação. Verifica-se que existe uma demanda por investimentos em aparatos de segurança, proporcionando um prejuízo no repasse de recursos para outros setores sociais (KOURY, 2011, p. 472).

Para Débora Pastana, a cultura do medo propicia a modificação do território e do tecido urbano, afetando toda a vivência cotidiana dos cidadãos, uma vez que todos se sentem afetados, ameaçados e correndo perigo (2003, p. 20).

A autora elenca diversos fatores sociais influenciados por essa cultura do medo dentro da sociedade, afirmando que os cidadãos modificaram seu comportamento cotidiano: começaram a usufruir de serviços privados de segurança, a cultivar verdadeiros enclaves fortificados, e originaram um processo de discriminação e rotulação social (*Ibidem*, p. 64-71).

O conjunto de sensações coligadas – medo, insegurança e impotência – constitui um novo tipo de cidadão ou como a autora descreve um “subcidadão”. Assim, “uma nova cultura vai se forjando a partir de valores normas e regras tecidas nos espaços privados e não como respostas às necessidades públicas decorrentes delas” (BAIERL, 2004, p. 64).

No mesmo sentido, a derradeira constatação que vai criar um movimento de expansão e maximização do direito penal, contrariando sua origem de intervenção mínima: a instrumentalização de discursos políticos punitivos, em virtude dessa cultura do medo (PASTANA, 2003, p. 80-91).

A autora Margarita Rosa Gavéria analisa quais relações de poder podem ser observadas em um cenário *fobígeno*, apontando que “o medo é uma ferramenta de controle social. Diversas entidades (Estado, Igreja, Políticos) fazem ameaças através das quais geram e acentuam a insegurança e o medo nas pessoas, elas recorrem ao medo como forma de inibir ações nas pessoas”. (2011, p. 68).

O imaginário do medo como já visto, propicia a diversas entidades sociais que representam o poder na sociedade, principalmente o Estado, desenvolver ações cada vez mais autoritárias, ocorrendo “um fortalecimento de uma ordem, de uma dominação institucional ampla e da restrição de espaços de convivência social. Demandas colocadas, principalmente, por camadas altas da sociedade.”. (*Ibidem*).

Imperioso é o diagnóstico do pesquisador Marcelo Lopes de Souza, o qual afirma que o medo coletivo, como se apresenta em nossa sociedade, toma conta dos corações e das mentes, modificando e/ou criando hábitos nos cidadãos, influenciando o modo de vida de toda a coletividade, modelando alguns (vários) discursos-padrão de carcerização como solução à violência urbana (2008, p. 53-54).

O medo pode ser entendido como a emoção dominante nas relações sociais construídas e/ou construtoras dos espaços e relações sociais, isto é, o medo é o condutor das interações sociais no território urbano.

A partir da cultura do medo, podemos observar uma dominação política por discursos repressores e autoritários, pelos quais se escolhe a restrição da liberdade pela busca da segurança, precarizando assim a sociabilidade e enfraquecendo a cidadania, ou seja, atuando de forma autoritária em contrariedade ao princípio democrático.

3. A mídia e a notícia do crime.

A mídia possui um grande papel contribuindo para a manutenção da cultura do medo. Contrariando o seu papel democrático, a mídia seleciona sempre a notícia que se adequar melhor ao produto de consumo, aquilo que está mais suscetível a ser consumido, não importando os reflexos de sua atuação.

Existem quatro fatores para a compreensão da importância da mídia: Primeiro, nos dias de hoje a comunicação constrói a realidade. Sociologicamente falando, alguma coisa passa a existir ou deixar de existir, se é mediada ou não; segundo, a mídia não só diz o que existe e o que não existe, mas dá uma conotação valorativa à realidade existente; terceiro, a mídia hoje é que agenda as discussões; quarto, a nossa subjetividade cada vez mais se constrói pela interatividade com os diversos meios de comunicação, tendo em vista o tempo que passamos em nossas tecnologias (TV, celular, etc.) (GUARESCHI, 2007. p. 9).

Nesse contexto, inexorável reconhecer que um dos produtos midiáticos com maior apelo social são as notícias criminais. Não é por outro motivo que programas de “jornalismo” investigativo são os que mais possuem audiência; nos sites o que mais amplia os “clicks” são os delitos grotescos.

Salo de Carvalho expõe que a batalha pelas mentes e corações dos telespectadores é travada a partir de uma mídia extremamente sensacionalista que acusa a espetacularização da notícia criminal, sobretudo nos delitos de sangue praticados com violência contra pessoas de carne osso. Os veículos de mídia transformam a notícia em mercadoria, tendo por objetivo atrair a maior quantidade de consumidores, não priorizando situar o conflito em seu local, bem como investigar os agenciamentos, os acasos e as situações que permitiram sua existência (2013, p. 261).

As ameaças à segurança pessoal tornam-se um elemento determinante para o aumento dos índices de audiência dos meios de comunicação de massa, fortificando cada vez mais o medo na pauta política, e fortalecendo cada vez mais a mercadologia do medo (*Ibidem*).

Os anseios dos aparelhos jornalísticos é vender a notícia, pautando sempre aquelas que atingirem um índice de audiência cada vez maior, utilizando como ferramentas o sensacionalismo e a espetacularização³.

João Carnavilhas aponta quatro elementos necessários para a espetacularização da notícia, enfocando no telejornalismo. O primeiro seria a Seleção de dramas humanos, pelo qual “Procura-se explorar os sentimentos mais básicos da pessoa, pondo em destaque casos de insatisfação das necessidades básicas...”, relacionados principalmente com necessidades fisiológicas e a segurança; O segundo seria a Reportagem/Directo, tratando-se do “Recurso ao enquadramento local, se possível na hora do acontecimento, tirando partido da emoção oferecida pelo repórter no papel de testemunha ocular do acontecimento”; O terceiro se relaciona com Dramatização, a qual são utilizados os gestos, o rosto e a expressão verbal (volume, tom e ritmo de voz) para emocionar ou fortalecer as imagens que passam pela tela. “Usualmente, são cinco os procedimentos clássicos da dramatização: o exagero, a oposição, a simplificação, a deformação e a amplificação emocional”; Ainda, o quarto elemento Efeitos Visuais, relativo à “Todo o esforço de montagem e pós-produção, que permite manipular o acontecimento através da seleção das imagens mais elucidativas.” (2015, p. 5).

A questão sensacionalista envolve o grau mais radical de mercantilização das notícias. As notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais,

criam penalização no lugar de descontentamento e se constituem num mecanismo reducionista que particulariza fenômenos sociais (AMARAL, 2003, p. 136).

Assim, o sensacionalismo utiliza-se de artimanhas onde o texto é redigido de forma que o leitor se emocione propositalmente com os fatos explicitados, e a partir disso podemos observar diversos reflexos originados através da notícia (SOBRINHO, 1995, p. 16).

O medo como emoção é completamente afetado por essas propositais ações jornalísticas. O sensacionalismo espetacularizado vai difundir valores, conceitos, emoções e sentimentos, através das notícias e dos diversos meios de comunicação. Como bem afirma Débora Pastana “Inserido neste contexto alarmante, a notícia sobre violência começa não só a informar como a emocionar, estimulando a curiosidade, a intolerância e, por fim, o próprio medo” (2003, p. 73).

Jock Young alude que os meios de comunicação de massa publicam as mais variadas imagens de criminalidade e desvio coletadas em todo mundo. Assim, essas mercadorias de mídia são caracterizadas por sua capacidade de surpreender e chocar. Assinalando que “Em sua quantidade esmagadora e característica berrante, elas devem sem dúvida causar um medo desproporcional ao risco real” (2002, p. 97).

A mídia define o que é arriscado de forma cada vez mais abrangente, em todos os meandros da coletividade, elevando um pensamento relacionado às preocupações e consolidando uma demanda por justiça e ordem (*Ibidem*).

Os meios de comunicação de massa ampliam a visão dos delitos cometidos, criando vários estrangeiros alheios e inexistentes ao grupo, interpretando e propagando incidentes isolados como epidemias, as quais facilitam a criação de traumas sociais, ou como Ruth Gauer bem referiu “epidemias coletivas de medo” (GAUER, 2012, *passim*).

Barry Glassner sobre a temática suscita que a promoção exagerada do medo acontece quando incidentes isolados se transformam em tendências. Alicerça que um evento isolado acontece e que o foco que é lhe dado extrapola o que deveria. Então, a mídia, os políticos, dentre outros diversos grupos instrumentalizam o fato – no caso do nosso trabalho o crime – a favor de seus próprios interesses, acenando que aquele fato particular ou um número pequeno de fatos apontam para a existência de uma tendência

³ Cf. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela

muito maior, a qual a população deveria temer, quando, na verdade, não existe tendência alguma (GLASSNER, 2003, *Ibidem*).

O sucesso da difusão e propagação do medo não depende tão somente do modo como é expresso, mas também da eficácia em que são expressas as ansiedades culturais profundas (*Ibidem*, p. 17).

Com essa cultura do medo, os problemas mais sérios são completamente ignorados, ainda que originem as ameaças mais execradas pela população. Viramos reféns dos nossos próprios sentimentos de temor, ao construir uma cultura que se pauta pelo medo e se estigmatiza pela violência (*Ibidem*, p. 27).

A mídia, quando consolida o medo na coletividade, dificulta a introdução de qualquer discussão sobre alternativas às políticas de segurança pública. A percepção de insegurança pode não evoluir de maneira proporcional e coerente com suas taxas de crimes violentos (SOUZA, 2008, p. 29-30).

Este fenômeno de aumento da sensação de insegurança acontece porque a mídia se encarrega de amplificar e pautar as notícias objeto do medo, utilizando as suas ferramentas mercadológicas. Ressalta-se que, não necessariamente existe uma relação linear entre violência e sensação de insegurança, pois a percepção da insegurança pode não evoluir, durante algum tempo, de maneira proporcional com as taxas de crimes. Porém “Isso acontece, entre outros fatores, porque a mídia, comumente, se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo” (*Ibidem*, 2008, p. 30).

Não é por outro motivo que Zygmunt Baumann afirma que “O fato de tais medos não serem absolutamente imaginários pode ser confirmado pela autoridade dominante da mídia, que defende uma realidade que não se pode ver nem tocar” (2008, p. 29).

Esses aspectos acabam por refletir no âmbito do direito, criminal, como aponta Vera Malaguti, a grande mídia dificulta a discussão da questão criminal, e acaba por contribuir ao senso comum chamado de populismo punitivo, referindo ainda que existe uma íntima relação entre mídia e sistema penal (2011. p. 102-103).

No mesmo sentido Nilo Batista reconhece que, a mídia ultrapassa a linha de mera função comunicativa adentrando no campo da “executivização” do sistema penal (2002, p. 271). Importante elucidação faz quando utiliza o exemplo do já extinto programa Linha

Direta, que exercia papel de agência penal na busca do infrator, realizando a demonização do foragido e a candura e desproteção da vítima, configurando um julgamento público (BATISTA, 2002, p. 405).

O judiciário se empenha a partir destes mecanismos midiáticos, transformando o show realizado pelos meios de notícia em procedimentos penais sem quaisquer garantias constitucionais (CASTELLAR, 2002, p. 322).

Eugênio Zaffaroni constrói a ideia de criminologia midiática, apontando a televisão como meio técnico de maior representatividade da propagação do discurso punitivo. Alicerça que a televisão é operada através de um sistema de comunicação por imagens, instando o receptor a um pensamento concreto, em contrapartida do exercício do pensamento abstrato (2012, p. 305).

Desta forma, este instrumento midiático possui um papel de impactar o telespectador, realizando uma sintetização de catástrofes, mas que não dão lugar a uma reflexão. Cria-se uma realidade binária, entre bandidos e pessoas decentes.

A partir desta criação de papéis e estereótipos criminais, o autor fundamenta a necessidade de difundir muito medo, mostrando os estereotipados como responsáveis por todas nossas inquietudes existentes (*Ibidem*, p. 308).

Eleva-se a necessidade de uma resposta rápida e efetiva para essa criminalidade, e qualquer pensamento que se proponha à reflexão é rechaçado e rotulado como obstáculo ao exercício da justiça e à garantia de uma segurança (*Ibidem*, p. 313).

No exemplo da mídia televisiva, as imagens são transmitidas instantaneamente para todo o mundo, da mesma forma que todos os fatos relativos àquela notícia são abreviados, desluzindo-os no menor espaço de tempo possível, para atingir mais pessoas, bem como pela necessidade de se adequar a própria velocidade da vida (PORCELLO, 2002, p. 109-111).

Na edição, a mídia televisiva recorta, seleciona e resume a notícia, em uma linguagem acessível, veloz e entrecortada, impedindo uma abordagem minuciosa dos conflitos. Transforma-se, assim, em um tempo industrial, no qual o produto é montado, embalado e distribuído. O editor escolhe o que vai para o ar, em geral, o que vai para o ar é o que mais chama a atenção da população e gera mais audiência, utilizando-se de uma

linguagem do espetáculo, do show de notícias, com o objetivo comercial e de interesses, formatando o imaginário nacional (*Ibidem*).

Como aponta Paul Virilio, o avançar tecnológico possibilitou como efeito colateral o surgimento de uma sociedade do controle, bem como de uma sociedade informacional e imediatista através das tecnologias da informação (2005, p. 153). Inclusive, em outra obra o autor afirma que devemos ter uma atitude crítica quanto às inovações tecnológicas, verificar quais os benefícios e malefícios trazidos por ela. Portanto, provoca a reflexão de que o aumento da velocidade dos meios de comunicação transformou a percepção da própria realidade, bem como a compreensão do social (2000, p. 59).

Ignácio Ramonet, também utilizando como mecanismo midiático a TV, aponta que responde as expectativas do maior número de espectadores, o que na maioria das vezes é o único meio de acesso à cultura. E, diante das inquietações coletivas, ela é tentada a transformar-se em espetáculo da miséria social. Os programas são substitutos aos pesadelos sociais generalizados (2001, p. 79).

A informação hoje em dia é essencialmente um divertimento, nutrindo-se fundamentalmente de sangue, violência e morte (*Ibidem*, p. 101). Assim, a velocidade, a irreflexão, conjuntamente com o crime e a violência urbana, cria uma esfera atemorizadora, uma sensação cotidiana e banal de insegurança e incerteza, a qual afeta e fundamenta os discursos por punição, e, conseqüentemente, as demandas por legislações penais e carcerização.

Nesse panorama, *a mass media* a partir de interesses mercadológicos, como já explicitado, proporciona um exagero dos problemas sociais, legitima um sistema punitivo, criando uma pressão popular sobre os poderes públicos para que realizem reformas penais necessárias para combater a cada vez mais aterradora criminalidade.

Portanto, a mídia como aparelho ideológico da estrutura social deveria possuir uma função emancipatório, tentando informar e libertar o imaginário quando descreve os fatos sociais cotidianos, mas ao contrário, ela assumiu um papel de noticiar o crime de acordo com os interesses mercadológicos, contribuindo para a cultura do medo.

Conclusão.

O texto pretende uma reflexão sobre as diversas problemáticas advindas do medo. Inicialmente, importa firmar que o conceito de medo é muito mais amplo e complexo, contudo, a aspiração foi de construir uma breve análise sobre como afeta o homem em relação aos problemas sociais existentes.

Assim, importante delimitar algumas questões: o medo é inerente ao homem; o medo é uma construção cultural/histórica, variando seu objeto de acordo com cada época. Existem medos coletivos que são constituídos a partir de um processo cultural; os medos coletivos podem criar um processo de reação coletiva. Essa base é que vai tutelar o diagnóstico de uma coletividade em pandemia, que busca segurança a todo custo.

Em outro viés, deve ser destacado que existe uma relação entre medo e segurança, tendo como objeto dessa relação o crime, a qual influencia as coletividades urbanas, modificando a própria cultura de convivência, modificando os espaços urbanos e o cotidiano dos grupos sociais, tudo isso através de uma espetacularização de notícias por mais das vezes sensacionalistas sobre acontecimentos criminosos, as quais nada mais são do que produtos.

A conclusão incontroversa é que a veiculação do crime pela mídia influencia a expansão do medo na sociedade, consolidando uma demanda punitiva como forma de resposta rápida e concreta à criminalidade.

A demanda por segurança se transforma em demanda por criminalização, pois não é de hoje que o direito penal é a emergência para todos os problemas sociais, quando em sua essência deveria servir apenas como *ultima ratio* do direito. Essa pandemia impetuosa do medo pode trazer à tona práticas que contribuem sobremaneira na expansão do Direito Penal, emoldurando discursos de defesa social e lei e ordem.

E, não é por outro motivo, que o próprio discurso político eleitoreiro coloca a criminalização como pauta de campanha, haja vista o grande interesse social sobre esse tema, pois, como referido, a criação de mecanismos e aparatos de segurança é uma busca incansável.

Assim, concordando com Ignácio Ramonet, existe uma importante função da comunicação em uma democracia de massas. Inegável que a informação é essencial para a dinâmica social, pois não há democracia possível sem uma rede de comunicação

com o máximo de informações livres. Portanto, não existe liberdade sem informação (RAMONET, 2001, p. 24).

Contudo, o que se vê é um verdadeiro *despapel* da mídia, que inserida em um sistema econômico, pretende apenas criar estórias que vendam como um produto, e se socorre no sensacionalismo e espetacularização para atingir seus objetivos econômicos, quando deveria primar pelo seu papel democrático.

Como bem aponta Ryszard Kapuscinski, antes a veracidade da notícia representava seu maior valor. Nos dias atuais, o redator-chefe de um jornal não busca uma informação verdade, mas uma informação que sirva como produto.⁴

Conseqüentemente, essa hiperinflação do medo no imaginário social, constrói toda uma realidade onde estamos fadados à barbárie da criminalidade. O medo transforma-se em algo permanente, virando uma fobia com efeitos devastadores.

Estamos cada vez mais limitados, engessados e presos, principalmente nas cidades, onde o controle é permanente e a liberdade reduzida. Aqui não se fala somente de questões de “policização” e vigilância. Mas de nós mesmos, que nos enclausuramos em enclaves fortificados, uma sociedade de neo-burgos, com verdadeiros castelos.

A ambivalência perigo e segurança pauta a vida. E a vida pauta as ações contra o perigoso, contra o objeto fóbico, que no caso é o crime, e por consequência, a materialização disso no criminoso.

Diante da incerteza e insegurança, clama-se pela instituição de uma nova ordem, mais repressiva e mais autoritária, um campo fértil para a elevação de discursos cínicos e “fascistóides”.

Assim, a sociedade para se proteger da barbárie do crime, cria a barbárie da criminalização.

Referências.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. In: **Em Questão**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003.

⁴ La Stampa, Turim, citado por Courrier international, 9 de outubro de 1997. *Apud*. RAMONET, Ignácio. **A tirania da Comunicação**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 25-26.

SILVEIRA, Antônio Paulo Soares Lopes da. A Notícia do Crime e o Medo na Cidade. In: ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 18, jan-jun/2018. ISSN 2175-7119.

BATISTA, Nilo. Mídia e sistema penal no capitalismo tardio. In: **Discursos sediciosos. Crime, direito e sociedade**. v. 7. n.12, dez. 2002.

_____. A executivização do sistema penal através da mídia. In: **Discursos sediciosos. Crime, direito e sociedade**. v. 7. n.12, dez. 2002.

BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução Crítica à Criminologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Renavan, 2011.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social**. Da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt,. **Medo Líquido**. Trad. Calos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires Rio. **Cidade de Muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. In: **Novos Estudos**, v. 47, mar. 1997.

CARVALHO, Salo de. Sensacionalismo a Sangue Frio: A Ruptura na narrativa do crime em Truman Capote. In: **Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global** – www.ufsm.br/redesg v. 2, n.2, jul.dez/2013.

CARNAVILHAS, João. Televisão: o domínio da informação-espetáculo. Disponível em: . Acessado em: 17/07/2015.

CASTELLAR, João Carlos. Violência, imprensa e mudanças na lei penal. In: **Discursos sediciosos. Crime, direito e sociedade**. v. 7. n.12, dez. 2002.

CYRO, Augusto Pachicoski Couto. **Do crime ao Caos**. Comunicação a serviço do medo. São Paulo: Cia dos Livros, 2011.

DELUMEAU, Jean. Uma pesquisa histórica sobre o medo: razões, explicações, conclusões. In: **Revista Multitextos CTCH nº 03. O medo no Ocidente**. Rio de Janeiro, nº 03, 2006.

_____. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**. Trad. Maria Luísa Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Miedos de Ayer e Hoy*. In: **El Miedo. Reflexiones sobre su dimensión cultural y social**. Medellín: Corporación Region, 2002.

SILVEIRA, Antônio Paulo Soares Lopes da. A Notícia do Crime e o Medo na Cidade. In: ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 18, jan-jun/2018. ISSN 2175-7119.

FILGUEIRAS, Metrôpoles em crise: vida urbana na América Latina contemporânea e a problemática dos vínculos sociais. In: **CADERNOS IPPUR**, ano XXII. n.º 1, jan.-jul., 2008.

GAUER, Ruth M. Chittó. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: GAUER, Gabirle J. Chittó (Org.) **A fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 2004.

_____. A Civilização do Medo Produz a Civilização da Ira. In: BREPOL, Marion., CAPRARO, André Mendes. e GARRAFFONI, Renata Senna. (Orgs). **Sentimentos na história: linguagens, práticas e emoções**. Paraná: Editora UFPR, 2012.

GAVÍRIA, Margarita Rosa. Medo ao poder e poder do medo na construção de um território da violência. In: (Orgs.). SANTOS, José Vicente Tavares dos., TEIXEIRA, Alex Niche. e RUSSO, Maurício. **Violência e Cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo**. Trad. Emílio Campos Lima. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho. Mídia e Democracia: O quarto versus o quinto poder. In: **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul.-dez. 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginária sobre juventude e violência no Brasil atual. In. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 26 Número 3, Setembro/Dezembro 2011.

LA Zona. Direção: Rodrigo Plá; Produção: Alvaro Longoria. México: Dreamland , 2007. 1 DVD (97 min.).

MIRA Y LOPES, Emílio. **Os Quatro Gigantes da Alma: o medo, a ira, o amor e o dever**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005.

PASTANA, Débora Regina. **Cultura do Medo**. Reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil. São Paulo: Editora Método, 2003.

_____. Cultura do Medo e Democracia: Um paradoxo Brasileiro. In: Revisa Medições Londrina, V. 10, N. 2, P.183-198, JUL./DEZ. 2005.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. Comunicação, discurso e mito: no ar o show de notícias. Os telejornais mostram a vida como ela não é. In: DORNELLES, Beatriz. (Org.). **Mídia, Imprensa e as novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da Comunicação**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVEIRA, Antônio Paulo Soares Lopes da. A Notícia do Crime e o Medo na Cidade. In: ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba-PR. Ano XI, n. 18, jan-jun/2018. ISSN 2175-7119.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOBRINHO, Danilo Angrimani. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo**: a política do pior. Lisboa: Teorema, 2000.

_____. **O espaço crítico**: e as perspectivas do tempo real. São Paulo: Editora 34, 2005.

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte?. In: **Ensaio sobre o Medo**. NOVAES, Adauto. (Org.). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. **A palavra dos mortos: conferências de criminologia cautelar**. São Paulo: Saraiva, 2012.